



Na festa da abertura uruguaia, houve comícios da Frente Ampla, de esquerda, com inteira liberdade, propaganda nas ruas...

## Internacional

# As urnas da abertura

*Os uruguaios fazem da eleição a festa da liberdade*

**M**aria del Carmen Navarro, uma uruguaia de 24 anos, que há três anos se mudara para a Argentina "em busca de uma oportunidade na vida", transbordava alegria na manhã de quinta-feira da semana passada, ao desembarcar em Montevideu depois de uma viagem de 9 horas desde Buenos Aires. "Vou votar pela primeira vez", gritava ela, da janela do ônibus, agitando a bandeira tricolor da Frente Ampla, uma coligação de partidos de esquerda. Oscar Peres, um amigo de 27 anos que a acompanhava e também voltava de um exílio voluntário, chegou enrolado noutra bandeira idêntica, dizendo-se ansioso por inaugurar um título de eleitor tirado há dias num consulado uruguaio na Argentina. No total, 40 000 uruguaios residentes no exterior, muitos deles no Brasil, retornaram a seu país para votar nas eleições previstas para o último domingo. Em eleições gerais, e diretas, os uruguaios escolheriam livremente, depois de mais de onze anos de ditadura, um presidente da República, seu vice e uma Assembléia Nacional, além de administradores locais.

O evento, histórico e reconfortante réquiem de mais um regime militar latino-americano, viu-se precedido por um clima de euforia digno de um Carnaval. "Desterrar la dictadura para siempre", dizia, em letras garrafais, a manchete do semanário *Correo*, que Maria del Carmen Navarro e Oscar Peres compraram

logo ao descer do ônibus. Que mudança, para uruguaios que há anos não pisavam o solo de seu país... Se esse título tivesse sido publicado apenas seis meses atrás, o jornal teria sido apreendido e proibido de circular, enquanto seus responsáveis seriam presos. Por muito menos vários jornais foram punidos ao longo do regime militar.



Os retornados contribuem: 1 quilo de comida

**"PÃO E POLÍTICA"** — A virada brusca do regime, da truculência para a tolerância, em poucas semanas, causava surpresa aos uruguaios recém-retornados, desacostumados à naturalidade com que seus conterrâneos passaram a fustigar em público o sistema moribundo. Nos últimos dias da semana passada, grupos munidos de tambores marchavam pelas ruas do centro de Montevideu cantando não só as marchinhas de seus respectivos partidos, mas também versinhos que fustigavam o atual presidente, general Gregorio Alvarez, 58 anos, mais conhecido pelo apelido de "Goyo". Um exemplo: "Virou moda jogar milico no mar Mas o Goyo, muito esperto,

ADOLFO GERCHMANN





...e não faltaram os desfiles de cavaleiros vestidos a caráter na campanha eleitoral do Partido Nacional, o "Blanco"

Já aprendeu a nadar".

Tratava-se de uma alusão ao tom progressivamente mais brando que o presidente, como um saque em favor de seu próprio futuro, passou a adotar ao longo da abertura.

Que a ditadura uruguaia já estava acabada na semana passada não havia dúvidas. E, como aconteceu em Portugal, na Espanha e mais recentemente na Argentina, o resultado natural foi o extravasamento, nas ruas e praças, das tensões acumuladas em mais de uma década de repressão e obscurantismo. Os sinais mais evidentes da descompressão eram fornecidos pela ruidosa, colorida e frenética campanha eleitoral. Na televisão, os comerciais de sabonetes e iogurtes davam lugar à promoção de candidatos, com duração de até 8 minutos cada.

Mas foi nas ruas que o espetáculo já quase esquecido de uma campanha eleitoral se concretizou com toda a sua força. A Plaza Libertad, no coração de Montevideu, transformou-se numa feira de votos, com militantes de todos os partidos vendendo seus candidatos. Entre discursos e música transmitidos por alto-falantes em volume altíssimo, eleitores retiravam cédulas dos candidatos nas barracas dos vários partidos, enquanto barracas vizinhas vendiam empanadas e lingüiça frita. "Existe aquela velha história de que o povo quer pão e circo, mas o que o povo uruguaio deseja agora é pão e política", disse a VEJA, com a autoridade que lhe conferem vinte anos de experiência no setor, o observador político Luis Zamora.

Alto e grisalho, Zamora é na verdade um garçom, mas há duas décadas

ele serve os políticos profissionais e amadores que lotam todas as tardes o antigo e tradicional Café Sorocabana, numa das esquinas da Plaza Libertad. No Sorocabana, em torno das mesinhas de tampo de mármore, pulsa parte do coração político do Uruguai. "Estas paredes", diz Zamora, "estão cobertas pela história do *paisito*" — nome carinhoso pelo qual os uruguaios chamam seu país. É ali, centro cívico informal de uma nação menor que o Estado do Paraná e pouco maior que o Acre, que muitas vezes nascem as articulações e as maledicências em torno de alguns dos maiores figurões nacionais.

Nos últimos dias, um dos sinais da abertura urgente num país onde, até há pouco, as pessoas tinham medo de falar de política até privadamente, as anedotas

corriam soltas, pelas mesas do Sorocabana. Assim, dizia-se por exemplo que o obstetra Juan José Grotogini, indicado pela Frente Ampla como candidato à Presidência da República, terá que fazer parte do governo mesmo que perca as eleições. "É que vamos ter pela frente um parto muito difícil", explicava-se. O candidato dos "Blanco", ou Partido Nacional, Alberto Zumarán, quando entra no café é saudado pelos amigos por um velho apelido, hoje conhecido em todo o país, "El Panza", ou "o barrigudo". Enfim, Julio Maria Sanguinetti, líder e presidenciável do Partido Colorado, era chamado de "Zíper", porque, vencendo as eleições, substituirá os "botões" — gíria local para designar militares e policiais.



Montevideu: bandeiras na volta do exílio

NO ESTÁDIO — O jovem candidato a senador Juan Raul Ferreira, filho do líder blanco Wilson Ferreira Aldunate, também tem apelido — é chamado de "Chevette 84", carro brasileiro bastante vendido no Uruguai. O motivo: é igual ao velho, mas tem cara nova. Os uruguaios, como se vê, preencheram também com humor o espaço conquistado a duras penas. "A sensação de liberdade está se alastrando como uma epidemia", diz o bancário Bruno Aguirre, 38 anos. Leitor contumaz, Aguirre ainda se embaraça ao entrar numa livraria e vê-la fornida de livros até há pouco banidos. Durante o regime militar, proibiram-se tanto livros de matemática moderna — cujo ensino foi oficialmente afastado do currículo escolar — quanto o singelo *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, todos classifi-



cados, genericamente, como "nocivos".

Além de saborear o encontro com as urnas, os uruguaios reencontraram também muitos de seus ídolos da música popular. Perseguidos durante a ditadura, compositores e intérpretes como Daniel Viglietti, Alfredo Zitarrosa, Numa Moraes e a dupla Los Olimareños preferiram passar os últimos dez anos no exterior. Nos últimos meses, à medida que eram informados de que seus nomes deixavam a lista negra do governo, eles foram voltando um a um. O reencontro coletivo e apoteótico desses músicos com seu público ocorreu no início

deste mês no estádio Centenário, de Montevideo. Perante 70 000 pessoas, algumas das quais — as mais jovens — só ouviram suas músicas, nos últimos anos, em discos e fitas cassete clandestinos, os artistas foram protagonistas de uma inédita celebração. Ao final do concerto, todos cantaram junto com o convidado especial da festa — o brasileiro Chico Buarque de Holanda — a célebre *Apesar de Você*, antigo hino da oposição nos tempos duros do regime militar brasileiro, incorporada para igual papel ao repertório uruguaio.

"É evidente que um dia, depois que assumir o novo governo, vai acabar esse porre democrático", vaticina o sociólogo Geronimo de Sierra. "E então teremos que juntar os pedaços e reconstruir o país." Sierra não exagera. Em março, mês da posse do novo presidente, entre outros inúmeros problemas ele terá de



Nas livrarias, os livros ressurgem da clandestinidade

enfrentar o da renegociação da dívida externa de 5,1 bilhões de dólares — maior que a brasileira, em termos relativos. Pelo menos 60% das exportações uruguaias no próximo ano estarão comprometidas com o pagamento do serviço da dívida — juros e taxas que não amortizam o total.

**SÍMBOLO DO MOMENTO** — Na área econômica e social há outros aspectos sombrios. O produto interno bruto parou de crescer em 1956, há 28 anos. Outro problema é herança típica dos militares. Em dez anos, os efetivos das Forças Armadas passaram de 23 000 para 70 000 homens, o que faz delas os maiores empregadores de mão-de-obra do país. Com 23 soldados para cada 1 000 habitantes, relação infinitamente maior que a brasileira, de 2,1 por 1 000, o Uruguai acaba gastando 45% da sua renda em

defesa e ordem pública. Todos os partidos políticos planejam diminuir os efetivos militares — mas isso só fará agravar o drama do desemprego, que, segundo estimativa do setor privado, já atinge 30% da população economicamente ativa.

O empobrecimento do país provocou a proliferação das chamadas *ollas populares* (panelas populares), organizadas pela Igreja Católica e órgãos assistenciais e responsáveis pelo fornecimento de comida de graça a milhares de uruguaios carentes. Desse esforço de solidariedade participam também os uruguaios que agora retornam ao país, convidados a trazer

consigo, cada um, pelo menos 1 quilo de alimentos não perecíveis, destinados às *ollas populares*. Trata-se de um esforço a que todos pareciam se juntar com gosto, no calor de um momento único na história de um país que amargou isolamento e humilhações ao longo do regime que agora finda. O símbolo desse momento podia ser colhido na semana passada num comício da Frente Ampla, em Montevideo, que ostentava, no palanque, uma candidata chamada Lilian Celiberti. Anos atrás, ao ser seqüestrada no Brasil e encarcerada em Montevideo, Lilian tornara-se um dos maiores símbolos da prepotência então em vigor no Uruguai — e no Brasil. Agora, em pleno gozo de seus direitos, ela candidatou-se a uma cadeira na Câmara dos Vereadores de Montevideo.

**JOSÉ MEIRELLES PASSOS,**  
de Montevideo



A candidata Lilian Celiberti em comício, e o tradicional Café Sorocabana, um dos centros políticos uruguaios